

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

FEVEREIRO DE 1858

N^o 2

Diferentes Ordens de Espíritos

Um ponto capital na Doutrina Espírita é o das diferenças que existem entre os Espíritos, sob o duplo ponto de vista intelectual e moral; seu ensino, a esse respeito, jamais variou; não menos importante, porém, é saber que eles não pertencem eternamente à mesma ordem e que, em consequência, essas ordens não constituem *espécies distintas*: são diferentes graus de desenvolvimento. Os Espíritos seguem a marcha progressiva da Natureza: os das ordens inferiores são ainda imperfeitos; depois de depurados, atingem as ordens superiores; avançam na hierarquia à medida que adquirem qualidades, experiência e conhecimentos que lhes faltam. No berço, a criança não se assemelha ao que será na idade madura; entretanto, é sempre o mesmo ser.

A classificação dos Espíritos baseia-se no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que terão ainda de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta; apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da Natureza, nas cores do arco-íris ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, os quais

podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais e mais ou menos cômodos para a inteligência; sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da Ciência. Assim, é natural que, inquiridos sobre este ponto, hajam os Espíritos divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha valor algum. Entretanto, não faltou quem se agarrasse a esta contradição aparente, sem refletir que os Espíritos nenhuma importância ligam ao que é puramente convencional; para eles, o pensamento é tudo; deixam-nos a forma, a escolha dos termos, as classificações – numa palavra, os sistemas.

Façamos ainda uma consideração que se não deve jamais perder de vista: a de que entre os Espíritos, assim como entre os homens, há os muito ignorantes, de modo que nunca serão demais as cautelas que se tomem contra a tendência a crer que, por serem Espíritos, todos devam saber tudo. Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem limitados conhecimentos são, como neste orbe, os ignorantes, os inaptos a apreender uma síntese, a formular um sistema; mesmo os que são capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes quanto às particularidades, conformemente aos pontos de vista em que se achem, sobretudo se se trata de uma divisão, que nenhum cunho absoluto apresente. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que a Botânica, em conseqüência, houvesse experimentado qualquer modificação. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres. Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres; vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças. É o que cada um teria feito em nosso lugar.

Entretanto, não podemos reivindicar a totalidade desse trabalho como sendo obra nossa. Se o quadro que damos a seguir não foi textualmente traçado pelos Espíritos, e se é nossa a iniciativa, todos os elementos que o compõem foram hauridos em seus ensinamentos; não nos restaria senão formular a disposição material.

Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos que devem ainda percorrer todas, ou quase todas as etapas; caracterizam-se pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os Espíritos bons. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição.

Esta divisão nos pareceu perfeitamente racional e com caracteres bem positivados; só nos restava pôr em relevo, mediante subdivisões em número suficiente, os principais matizes do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram.

Com o auxílio desse quadro, fácil será determinar-se a ordem, assim como o grau de superioridade ou de inferioridade dos que podem entrar em relação conosco e, por conseguinte, o grau de confiança ou de estima que merecem. Além disso, interessa-nos pessoalmente porque, como pertencemos, por nossa alma, ao mundo espírita, no qual reentraremos ao deixar nosso invólucro mortal, ele nos mostra o que nos resta fazer para chegarmos à perfeição e ao bem supremo. Faremos, todavia, notar que os Espíritos não ficam pertencendo, exclusivamente, a tal ou tal classe. Sendo sempre gradual o progresso deles e muitas vezes mais acentuado num sentido do que em outro, pode acontecer que muitos reúnam em si os caracteres de várias categorias, o que seus atos e linguagem tornam possível apreciar.

Escala Espírita

TERCEIRA ORDEM – ESPÍRITOS IMPERFEITOS

Características gerais. – Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são conseqüentes.

Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, já denotam a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e se rejubilam quando uma ocasião se lhes depara de praticá-lo.

Neles a inteligência pode achar-se aliada à maldade ou à malícia; seja, porém, qual for o grau que tenham alcançado de desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e mais ou menos abjetos seus sentimentos.

Restritos conhecimentos têm das coisas do mundo espírita e o pouco que sabem se confunde com as idéias e preconceitos da vida corporal. Acerca dessas coisas, não nos podem dar senão noções falsas e incompletas; entretanto, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, o observador atento encontra a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Na linguagem de que usam se lhes revela o caráter. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem. Conseqüentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito dessa ordem.

Eles vêem a felicidade dos bons e esse espetáculo lhes constitui incessante tormento, porque os faz experimentar todas as angústias que a inveja e o ciúme podem causar.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é muitas vezes mais penosa do que a realidade. Sofrem, pois, verdadeiramente, pelos males de que padeceram em vida e pelos que ocasionaram aos outros. E, como sofrem por longo tempo, julgam que sofrerão para sempre. Deus, para puni-los, quer que assim julguem.

Podem ser divididos em quatro grupos principais:

Nona classe. ESPÍRITOS IMPUROS. – São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos pérfidos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam.

Nas manifestações, dão-se a conhecer pela linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos, como nos homens, é sempre indício de inferioridade moral, se não também intelectual. Suas comunicações exprimem a baixeza de seus pendores e, se tentam iludir, falando com sensatez, não conseguem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por se traírem.

Alguns povos os arvoraram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal.

Quando encarnados, os seres vivos que eles constituem se mostram propensos a todos os vícios geradores das paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a felonía, a hipocrisia, a cupidez, a avareza sórdida. Fazem o mal por prazer, as mais das vezes sem motivo, e por ódio ao bem, quase sempre escolhendo suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, pouco importando a categoria social a que pertençam, e o verniz da civilização não os forra ao opróbrio e à ignomínia.

Oitava classe. ESPÍRITOS LEVIANOS. – São ignorantes, travessos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de aborrecer, de induzir maliciosamente em erro, por meio de mistificações e de

espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de *duendes, trasgos, gnomos, diabretes*. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos servidores.

Mais que outros, parecem ligados à matéria e ser os principais agentes das vicissitudes dos elementos do globo, quer vivam no ar, na água, no fogo, nos corpos sólidos ou nas entranhas da Terra. Muitas vezes manifestam sua presença por efeitos sensíveis, tais como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar, etc., o que lhes valeu o nome de Espíritos batedores ou perturbadores. Reconhece-se que tais fenômenos não se devem a uma causa fortuita e natural quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, porém os Espíritos elevados em geral deixam essas atribuições aos inferiores, mais aptos às coisas materiais que às inteligentes.

Em suas comunicações com os homens, a linguagem de que se servem é, por vezes, espirituosa e faceta, mas quase sempre sem profundidade. Exploram as falhas e o lado ridículo dos homens e das coisas, comentando-os em traços mordazes e satíricos. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia que por maldade.

Sétima Classe. ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS. – Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém crêem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, susceptível de iludir com respeito às suas capacidades e luzes. Mas, em geral, isso não passa de reflexo dos preconceitos e idéias sistemáticas que nutriam na vida terrena. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos, através dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que ainda não puderam despir-se.

Sexta Classe. ESPÍRITOS NEUTROS – Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal.

Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades.

SEGUNDA ORDEM – ESPÍRITOS BONS

Características gerais. – Predominância do espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados aliam o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme a categoria que ocupem, os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une lhes é fonte de inefável ventura, que não tem a perturbá-la nem a inveja, nem os remorsos, nem nenhuma das paixões más que constituem o tormento dos Espíritos imperfeitos. Todos, entretanto, ainda têm de passar por provas, até que atinjam a perfeição absoluta.

Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhes mostram dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles a quem não é grato sofrê-la.

Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com os semelhantes. Não os movem o orgulho, nem o egoísmo, ou a ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de *bons gênios*, *gênios protetores*, *Espíritos*

do bem. Em épocas de superstições e de ignorância, eles têm sido elevados à categoria de divindades benfazejas.

Podem, igualmente, ser divididos em quatro grupos principais:

Quinta classe. ESPÍRITOS BENÉVOLOS. – A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Não progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual.

Quarta classe. ESPÍRITOS DE CIÊNCIA – Distinguem-se especialmente pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a Ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.

Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA – As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas.

Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES – Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem as mais justas noções sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se de bom grado com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante despreendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, pela influência da matéria, são desviados da prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e, então, nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM – ESPÍRITOS PUROS

Características gerais. – Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.

Primeira classe. Classe única. – Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é susceptível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de *ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima. São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Podem os homens pôr-se em comunicação com eles, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.¹²

12 **N. do T.:** Classificação modificada mais tarde por Allan Kardec, quando do aparecimento da 2ª edição francesa (definitiva) de *O Livro dos Espíritos*, em 1860 – Vide Livro II, Cap. II, itens 101 a 113.

ESPÍRITOS ERRANTES OU ENCARNADOS

Quanto às suas qualidades íntimas, os Espíritos pertencem a diferentes ordens, que percorrem sucessivamente à medida que se depuram. Como *estado*, podem estar *encarnados*, isto é, unidos a um corpo num mundo qualquer; ou *errantes*, ou seja, despojados do corpo material e aguardando nova encarnação para se melhorarem.

Os Espíritos *errantes* não formam uma categoria especial; é um dos estados em que podem encontrar-se.

O estado *errante* ou de *erraticidade* não constitui inferioridade para os Espíritos, pois que nele os podemos encontrar de todos os graus. Todo Espírito que não está encarnado é, por isso mesmo, *errante*, à exceção dos *Espíritos puros* que, não tendo mais encarnação a sofrer, estão no seu estado definitivo.

Não sendo a encarnação senão um estado transitório, a *erraticidade* é, em verdade, o estado normal dos Espíritos e esse estado não lhes é, forçosamente, uma expiação. São felizes ou desventurados conforme seu grau de elevação e segundo o bem ou mal que hajam praticado.

O Fantasma da Senhorita Clairon¹³

Esta história fez muito alarido em seu tempo, pela posição da heroína e pelo grande número de pessoas que a testemunharam. Não obstante sua singularidade, estaria provavelmente esquecida se a senhorita Clairon não a tivesse

13 Nascida em 1723, a senhorita Clairon morreu em 1803. Estreou em uma companhia italiana aos 13 anos e na Comédia Francesa em 1743. Retirou-se do teatro em 1765, aos 42 anos de idade.

consignado em suas memórias, de onde extraímos o relato que vamos fazer. A analogia que apresenta com alguns fatos que se passam em nossos dias dá-lhe um lugar natural nesta coletânea.

Como se sabe, a senhorita Clairon era tão notável por sua beleza quanto por seu talento, quer como cantora, quer como atriz trágica. Havia inspirado a um jovem bretão, o Sr. de S..., uma dessas paixões que por vezes decidem uma vida, quando não se tem bastante força de caráter para triunfar. A senhorita Clairon respondeu somente com amizade; contudo, a assiduidade do Sr. de S... tornou-se de tal forma importuna que ela resolveu romper qualquer relação com ele. A mágoa que ele sentiu causou-lhe uma longa enfermidade, de que veio a morrer. Isto se passou em 1743. Mas deixemos falar a senhorita Clairon.

“Dois anos e meio havia decorrido entre o nosso conhecimento e a sua morte. Rogou-me lhe concedesse, em seus últimos instantes, a doçura de me ver ainda; minhas relações, porém, impediram-me de fazer essa visita. Morreu não tendo perto de si senão os criados e uma velha dama, única companhia que possuía desde muito tempo. Habitava, então, a muralha, perto de Chaussée-d’Antin, que começavam a construir; eu, à Rua de Bussy, perto da rua de Seine e da abadia Saint-Germain. Estava com minha mãe e vários amigos que vinham jantar comigo. Acabara de entoar belas canções pastorais que haviam encantado meus amigos quando, ao soarem onze horas, ouviu-se um grito muito agudo. Sua sombria modulação e sua longa duração espantaram todo o mundo; senti-me desfalecer e estive quase um quarto de hora desacordada...

“Todos de minha família, meus amigos, meus vizinhos, a própria polícia, ouviam o mesmo grito, sempre à mesma hora, partindo invariavelmente de sob as minhas janelas, parecendo sair vagamente do ar... Raramente eu jantava na cidade, mas, nos dias em que o fazia nada se ouvia; muitas vezes, quando me recolhia ao quarto, indagava à minha mãe e aos meus domésticos sobre alguma

novidade, e logo o grito partia do meio de nós. Uma vez o presidente de B..., com quem havia jantado, quis acompanhar-me para assegurar-se de que nada me ocorreria no caminho. Quando, à minha porta, me desejava boa-noite, o grito partiu de entre nós. Assim como toda Paris, ele sabia dessa história: entretanto, foi posto em sua carruagem mais morto que vivo.

“Outra vez, pedi ao meu camarada Rosely que me acompanhasse à Rua Saint-Honoré para escolher tecidos. O único assunto de nossa conversa foi meu fantasma (é assim que o chamavam). Cheio de espírito e em nada acreditando, esse rapaz, a despeito disso, ficara impressionado com a minha aventura; insistia para que eu evocasse o fantasma, prometendo-me que nele creria se me respondesse. Fosse por fraqueza ou por audácia, fiz o que ele pedia: o grito foi ouvido três vezes, terrível por seu estrépito e rapidez. Ao retornar, foi necessário o auxílio de todos da casa para tirar-nos da carruagem, onde estávamos desacordados. Depois dessa cena, fiquei alguns meses sem nada ouvir. Julgava-me livre para sempre, mas me enganava.

“Todos os espetáculos haviam sido transferidos para Versalhes, para o casamento do delfim. Tinham-me arranjado um quarto na Avenida Saint-Cloud, que eu ocupava com a Sra. Grandval. Às três horas da manhã eu lhe disse: Estamos no fim do mundo; seria muito difícil que o grito nos viesse surpreender aqui. Mal acabara de falar e o grito estalou! A Sra. Grandval acreditou que o inferno inteiro estava no quarto; usando camisola, correu a casa de alto a baixo, onde, aliás, ninguém pôde pregar os olhos durante a noite. Pelo menos foi a última vez que o ouvimos.

“Sete ou oito dias após, conversando com os membros de minhas relações pessoais, à badalada das onze horas seguiu-se um tiro de fuzil, dado em uma de minhas janelas. Todos ouvimos o tiro e vimos o fogo, contudo, a janela nenhum dano sofrera. Concluímos, todos, que queriam minha vida, que haviam errado o

alvo e que seria necessário tomar precauções com vistas ao futuro. O Sr. de Marville, então tenente de polícia, mandou visitar as casas em frente à minha; a rua encheu-se de toda sorte de espíões possíveis; porém, por mais cuidados que se tomassem, durante três meses inteiros e sempre à mesma hora o tiro foi visto e ouvido, na mesma vidraça, sem que ninguém jamais tenha podido saber de onde partira. Esse fato foi constatado nos registros da polícia.

“Acostumada ao meu fantasma, na verdade um pobre diabo que se prestava a pregar peças, não prestei atenção à hora. Como fizesse calor, abri a janela condenada e nos apoiamos, eu e o intendente, no balcão. Ao soar onze horas o tiro fez-se ouvir e ambos fomos lançados no meio do quarto, onde caímos feito mortos. Retornando a nós mesmos, sentindo que não tínhamos nada, examinando-nos e reconhecendo que havíamos recebido, ele na face esquerda e eu na direita, a mais terrível bofetada jamais aplicada, pusemo-nos a rir como dois loucos.

“Dois dias depois, convidada pela senhorita Dumesnil para uma festa à noite em sua casa, na Barrière Blanche, tomei um fiacre às onze horas com minha camareira. Fazia o mais esplêndido luar e fomos conduzidas por bulevares que começavam a encher-se de casas. Indaga minha camareira: Não foi aqui que morreu o Sr. de S...? – Segundo as informações que me deram, sim, respondi-lhe, apontando com o dedo uma das duas casas à nossa frente. De uma delas partiu o mesmo tiro de fuzil que me perseguia: atravessou nosso fiacre; o cocheiro dobrou a marcha, crendo-se atacado por ladrões. Chegamos à festa, mal refeitos do susto e, de minha parte, tomada por um terror que, confesso, guardei por muito tempo. Mas, com armas de fogo essa proeza foi a última.

“À explosão sucedeu um bater de palmas, com certo compasso e repetição. Esse ruído, ao qual a complacência do público me havia acostumado, não foi percebido por mim durante algum tempo, mas meus amigos o notaram. Temos espionado, disseram-me eles: é às onze horas, quase à vossa porta, que ele ocorre; ouvimos

mas não vemos ninguém; só pode ser a seqüência do que antes experimentastes. Como o ruído nada tinha de terrível, não lhe guardei o tempo de duração. Não mais prestei atenção aos sons melodiosos que depois se fizeram ouvir; parecia voz celeste a esboçar uma ária nobre e tocante, prestes a ser cantada; essa voz começava na encruzilhada de Bussy e acabava em minha porta; e, como ocorrera com todos os outros sons precedentes, ouvia-se mas nada se via. Finalmente, tudo cessou em pouco mais de dois anos e meio.”

Algum tempo depois, a senhorita Clairon obteve, por intermédio da dama idosa que tinha sido a amiga devotada do Sr. de S..., o relato de seus últimos momentos. “Ele contava todos os minutos quando, às dez e meia seu laçao veio dizer-lhe que a senhora, decididamente, não viria. Depois de um momento de silêncio, tomou-me a mão, em atitude de desespero que me apavorou. *Desalmada!... nada ganhará com isso; persegui-la-ei depois de morto, tanto quanto a persegui em vida!...* Quis tentar acalmá-lo, mas estava morto.”

Na edição que temos à vista esse relato é precedido da seguinte nota, sem assinatura:

“Eis uma anedota bem singular que, sem dúvida, induziu e induzirá as mais diversas opiniões. Ama-se o maravilhoso, mesmo sem nele crer: a senhorita Clairon parece convencida da realidade dos fatos que narra. Contentar-nos-emos em observar que ao tempo em que foi ou se supôs atormentada por seu fantasma, contava ela de vinte e dois e meio a vinte e cinco anos de idade; que é a idade da imaginação, e que nela essa faculdade era continuamente exercitada e exaltada pelo gênero de vida que levava, no teatro e fora dele. É preciso ainda lembrar que ela disse, no início de suas memórias, que, em sua infância, não se entretinha senão com aventuras de fantasmas e de feiticeiros, que lhe eram contadas como histórias verídicas.”

Conhecendo o assunto somente através do relato da senhorita Clairon, só podemos julgá-lo por indução. Eis o nosso

raciocínio: Esse fato, descrito em seus mínimos detalhes pela própria senhorita Clairon, tem mais autenticidade do que se tivesse sido narrado por terceiros. Acrescentemos que ao escrever a carta onde o fato está relatado, contava cerca de sessenta anos, já passada a idade da credulidade de que fala o autor da nota. Esse autor não põe em dúvida a boa-fé da senhorita Clairon a propósito de sua aventura, mas admite que ela tenha sido vítima de uma ilusão. Que o fosse uma vez, nada haveria de extraordinário; porém, que o tivesse sido durante dois anos e meio, já se nos afiguraria bem mais difícil, como mais difícil ainda é supor que essa ilusão houvesse sido compartilhada por tantas pessoas, testemunhas oculares e auriculares dos fatos, e pela própria polícia. Para nós, que conhecemos o que se passa nas manifestações espíritas, a aventura nada contém de surpreendente e a temos como *provável*. Nesta hipótese, não vacilamos em pensar que o autor de todos esses malefícios não seja outro senão a alma ou o Espírito do Sr. de S..., se, sobretudo, atentarmos para a coincidência de suas últimas palavras com a duração dos fenômenos. Havia ele dito: Persegui-la-ei depois de morto tanto quanto a persegui em vida. Ora, suas relações com a senhorita Clairon haviam durado dois anos e meio, ou seja, tanto tempo quanto o das manifestações que se seguiram à sua morte.

Algumas palavras ainda sobre a natureza desse Espírito. Não era mau, e é com razão que a senhorita Clairon o qualifica como um pobre diabo; mas também não se pode dizer que fosse a própria bondade. A paixão violenta, sob a qual sucumbiu como homem, prova que nele as idéias terrestres eram dominantes. Os traços profundos dessa paixão, que sobreviveu à destruição do corpo, provam que, como Espírito, ainda se achava sob a influência da matéria. Por mais inofensiva fosse sua vingança, denota sentimentos pouco elevados. Se, pois, quisermos reportar-nos ao nosso quadro da classificação dos Espíritos, não será difícil assinalar-lhe a classe; a ausência de maldade real naturalmente o afasta da última classe, a dos Espíritos impuros; mas, evidentemente, mantinha-se ligado a outras classes da mesma ordem; nada nele poderia justificar uma posição superior.

Uma coisa digna de nota é a sucessão dos diferentes modos pelos quais manifestava sua presença. Foi no mesmo dia e no momento exato de sua morte que ele se fez ouvir pela primeira vez, e isso em meio a um alegre jantar. Quando vivo, via a senhorita Clairon, pelo pensamento, envolvida por essa auréola que a imaginação empresta ao objeto de uma paixão ardente; mas, uma vez desembaraçada a alma de seu véu material, a ilusão cedeu à realidade. Lá está ele, a seu lado, e a vê cercada de *amigos*, tudo lhe excitando o ciúme; por sua jovialidade e encanto, ela parece insultar o seu desespero, que se traduz por um grito de raiva repetido todo dia à mesma hora, como se a censurasse por se haver recusado de o consolar em seus últimos momentos. Aos gritos se sucedem os tiros, inofensivos, é verdade, mas que no mínimo denotam uma raiva impotente e a intenção de perturbar seu repouso. Mais tarde, seu desespero toma um caráter mais sereno; retorna, sem dúvida, a idéias mais sadias, parecendo haver readquirido o domínio de si; restava-lhe a lembrança dos aplausos de que ela era objeto, e ele os repete. Finalmente, diz-lhe adeus por meio de sons que lembravam o eco dessa voz melodiosa que em vida tanto o fascinara.

Isolamento dos Corpos Pesados

O movimento imprimido aos corpos inertes pela vontade é hoje de tal forma conhecido que seria quase pueril relatar fatos desse gênero; já o mesmo não acontece quando o movimento se faz acompanhar de certos fenômenos menos vulgares, por exemplo, o de sua suspensão no espaço. Embora os anais do Espiritismo cite numerosos exemplos, esse fenômeno apresenta uma tal derrogação das leis da gravidade que a dúvida parece muito natural a quem quer que os tenha testemunhado. Nós mesmos, confessamos, por mais habituados que estejamos às coisas extraordinárias, ficamos bem contentes em constatar-lhe a realidade. O fato que vamos narrar repetiu-se várias vezes sob nossos olhos, nas reuniões que outrora

aconteciam na casa do Sr. B***, na Rua Lamartine, e sabemos que se produziu inúmeras vezes em outros lugares. Podemos, pois, atestá-lo como incontestável. Eis como as coisas se passavam:

Oito ou dez pessoas, entre as quais algumas dotadas de um poder especial, embora não fossem reconhecidas como médiuns, sentavam-se em torno de uma pesada e maciça mesa de jantar, com as mãos às suas bordas e unidas, todas, pela intenção e pela vontade. Ao fim de um tempo mais ou menos longo, dez minutos ou um quarto de hora, conforme fossem as disposições ambientes mais ou menos favoráveis, a mesa se punha em movimento, a despeito de seu peso de quase cem quilos; deslizava para a direita ou para a esquerda no assoalho; dirigia-se para diversas partes do salão que fossem designadas; levantava-se depois, ora num pé, ora noutro, até formar um ângulo de 45°; e balançava com rapidez, imitando o movimento de baloiço do navio. Se, em tal posição, os assistentes redobrassem os esforços por sua vontade, a mesa se levantaria completamente do solo, a dez ou vinte centímetros de altura, sustentando-se, dessa forma, no espaço sem qualquer ponto de apoio, durante alguns segundos, para cair em seguida com todo o seu peso.

O movimento da mesa, seu levantamento sobre um pé e seu baloiço produziam-se mais ou menos à vontade, várias vezes durante a reunião, e também por diversas vezes sem nenhum contato das mãos; bastava somente a vontade para que a mesa se dirigisse ao lado indicado. O isolamento completo era mais difícil de obter, sendo repetido amiúde, a fim de não ser visto como um fato excepcional. Ora, isso não se passava apenas na presença dos adeptos, que se poderia crer muito acessíveis à ilusão, mas diante de vinte ou trinta pessoas, entre as quais se achavam algumas muito pouco simpáticas, que não deixariam de levantar a suspeita de alguma artimanha secreta, sem consideração para com o dono da casa, cujo caráter honrado deveria afastar todo pensamento de fraude e para quem, aliás, teria sido um prazer muito singular passar algumas horas por semana a mistificar uma assembléia, sem qualquer proveito.

Narramos o fato em toda a sua simplicidade, sem restrição nem exagero. Não diremos, no entanto, que vimos a mesa adejar no espaço qual se fora uma pluma; porém, mesmo como as coisas se passaram, o fato não demonstra menos a possibilidade do isolamento dos corpos pesados sem ponto de apoio, por meio de uma força até agora desconhecida. Também não diremos que bastava estender a mão ou fazer um sinal qualquer para que, no mesmo instante, a mesa se movesse e se elevasse como por encanto.

Ao contrário, diremos, a bem da verdade, que os primeiros movimentos se verificaram sempre com certa lentidão, não adquirindo senão gradualmente sua máxima intensidade. O levantamento completo só ocorreu após vários movimentos preparatórios, que eram como que ensaios para uma espécie de arremesso. A força atuante parecia redobrar de esforços para encorajar os assistentes, como um homem ou um cavalo que realiza uma pesada tarefa e que é excitado por gestos e palavras. Uma vez produzido o efeito, tudo retornava à calma e, por alguns instantes, nada se obtinha, como se aquela mesma força tivesse necessidade de retomar o fôlego.

Muitas vezes teremos ocasião de citar fenômenos desse gênero, sejam espontâneos ou provocados, e realizados em proporções e circunstâncias bem mais extraordinárias; porém, quando tivermos sido testemunha, relatá-lo-emos sempre de maneira a evitar qualquer interpretação falsa ou exagerada. Se no fato relatado acima nos tivéssemos contentado em dizer que vimos uma mesa de cem quilos elevar-se do solo pelo simples contato das mãos, ninguém duvide que muitas pessoas pensariam que a mesa havia subido até o teto, e com a rapidez de um piscar de olhos. É assim que as coisas mais simples se tornam prodígios pelas proporções que lhes empresta a imaginação. O que não haverá de acontecer quando os fatos atravessarem os séculos e passarem pela boca dos poetas! Se se dissesse que a superstição é filha da realidade, ter-se-ia avançado num paradoxo e, todavia, nada é mais verdadeiro; não há superstição que não repouse sobre um fundo real; tudo está

em discernir onde termina uma e começa a outra. O verdadeiro meio de combater as superstições não é contestá-las de maneira absoluta; no espírito de certas pessoas há idéias que não se desenraízam tão facilmente, porque sempre há fatos a citar em apoio de sua opinião; ao contrário, é preciso mostrar o que há de real; então, só restará o exagero ridículo, ao qual o bom-senso fará justiça.

A Floresta de Dodona e a Estátua de Memnon

Para chegar à floresta de Dodona passamos pela Rua Lamartine e paramos um instante na casa do Sr. B***, onde vimos um móvel submisso propor-nos um novo problema de estática.

Os assistentes, em qualquer número, colocam-se em torno da mesa em questão, numa ordem também qualquer, pois não há, ali, nem números nem lugares cabalísticos; apóiam as mãos sobre a beirada; mentalmente, ou em voz alta, apelam aos Espíritos que têm o hábito de levar em conta o seu convite. Sendo conhecida nossa opinião sobre esse gênero de Espíritos, nós os tratamos um tanto sem-cerimônia. Apenas são decorridos quatro ou cinco minutos quando um ruído claro de *toc, toc* se faz ouvir na mesa, por vezes bastante forte para ser percebido na sala vizinha, repetindo-se tanto tempo e tantas vezes quanto se deseje. A vibração é sentida nos dedos e, ao aplicar-se o ouvido à mesa, reconhece-se, sem qualquer equívoco, que o ruído se origina na própria substância da madeira, visto vibrar a mesa inteira, dos pés ao tampo.

Qual a causa desse ruído? É a madeira que opera ou, como se costuma dizer, um Espírito? Afastemos, inicialmente, qualquer idéia de fraude; encontramos-nos em casa de pessoas muito sérias, e de muito boa companhia para se divertirem à custa daqueles que recebem de bom grado; aliás, essa casa não é de modo algum privilegiada; fatos idênticos se produzem em cem outras, igualmente

distintas. Seja-nos permitido uma pequena digressão, enquanto aguardamos a resposta.

Um jovem bacharelado estava em seu quarto, ocupado em recordar suas lições de retórica; batem à porta. Imagino que se possa distinguir a natureza do ruído e, sobretudo por sua repetição, se é causado por um estalido da madeira, pela agitação do vento ou outra causa fortuita qualquer, ou se é alguém que bate, querendo entrar. Neste último caso o ruído tem um caráter intencional que não pode ser posto em dúvida; é o que pensa nosso estudante. Entretanto, para não se incomodar inutilmente, quis assegurar-se disso, pondo à prova o visitante. Se é alguém – diz – batei uma, duas, três, quatro, cinco, seis vezes; batei no alto, em baixo, à direita, à esquerda; batei o compasso, batei o toque de chamada militar, etc. ; e a cada um desses pedidos o ruído obedece com a mais perfeita pontualidade. Seguramente, pensa ele, não pode ser o estalido da madeira, nem o vento, nem mesmo um gato, por mais inteligente que se o suponha. Eis um fato; vejamos a que conseqüências nos conduzirão os argumentos silogísticos. Raciocina, então, da seguinte forma: Ouço um ruído; logo, é alguma coisa que o produz. Esse ruído obedece ao meu comando; portanto, a causa que o produz me compreende. Ora, o que compreende tem inteligência, portanto a causa desse barulho é inteligente. Se é inteligente, não é a madeira, nem o vento; se não é nem um, nem outro, é alguém. Então foi abrir a porta. Vê-se que não é preciso ser doutor para chegar a essa conclusão e julgamos nosso aprendiz de bacharel bastante aferrado aos seus princípios para deduzir o seguinte: Suponhamos que, ao abrir a porta, não encontre ninguém e o ruído continue exatamente da mesma maneira. Ele prosseguirá o seu raciocínio: “Acabo de provar a mim mesmo, sem contestação, que o ruído é produzido por um ser inteligente, visto responder ao meu pensamento. Ouço sempre esse ruído diante de mim e é certo que não sou eu quem bate; é, pois, um outro; ora, se não vejo esse outro, é porque é invisível. Os seres corporais que pertencem à Humanidade são perfeitamente visíveis; sendo invisível o que bate, não é um ser

corporal humano. À vista disso, desde que chamamos de Espíritos os seres incorpóreos, e não sendo corpóreo o ser que bate, há, pois, de ser um Espírito.”

Julgamos perfeitamente lógicas as conclusões de nosso estudante; apenas aquilo que demos como suposição é uma realidade, no que concerne às experiências feitas na casa do Sr. B***. Acrescentaremos que era desnecessária a imposição das mãos e que todos os fenômenos se produziram igualmente bem, ainda que a mesa estivesse livre de qualquer contato. Assim, conforme o desejo expresso, os golpes faziam-se ouvir na mesa, na parede, na porta e em outros lugares, designados verbal ou mentalmente; indicavam a hora, o número de pessoas presentes; batiam o avanço, o toque de chamada militar, o ritmo de uma ária conhecida; imitavam o trabalho do tanoeiro, o rangido da serra, o eco, as rajadas de tiros isolados ou de pelotões, e muitos outros efeitos que seria cansativo descrever. Foi-nos dito terem ouvido imitar, em certo círculo, o sibilar do vento, o sussurro das folhas, o ribombar do trovão, o marulho das vagas, o que nada tem de surpreendente. A inteligência da causa tornava-se patente quando, por meio desses golpes, eram obtidas respostas categóricas a determinadas questões; ora, é a essa causa inteligente que chamamos ou, melhor dizendo, que chamou a si mesma *Espírito*. Quando esse Espírito queria dar uma comunicação mais desenvolvida, indicava, por meio de um sinal particular, que desejava escrever; então, o médium escrevente tomava o lápis e transmitia por escrito o seu pensamento.

Entre os assistentes, não falando dos que estavam em volta da mesa, mas de todas as pessoas que enchem o salão, havia incrédulos autênticos, semicrentes e adeptos fervorosos, mistura pouco favorável como se sabe. Deixaremos os primeiros à vontade, esperando que a luz se faça para eles. Respeitamos todas as crenças, mesmo a incredulidade, que também é uma espécie de crença, quando se preza bastante para não chocar as opiniões contrárias. Não diremos, portanto, que não possam brindar-nos com

observações úteis. Seu raciocínio, muito menos prolixo que o do nosso estudante, resume-se geralmente assim: Não creio nos Espíritos, portanto, não podem ser Espíritos. Visto que não são Espíritos, deve ser um truque. Essa conclusão os leva naturalmente a supor que a mesa seria dotada de um maquinismo qualquer, à maneira de Robert Houdin. Nossa resposta é muito simples: primeiro seria necessário que todas as mesas e todos os móveis fossem dotados de tal maquinismo, pois que não os há privilegiados; segundo, desconhecemos artifício assaz engenhoso que produza, *à vontade*, todos os efeitos que acabamos de descrever; terceiro, seria preciso que o Sr. B*** aparelhasse as paredes e portas de seu apartamento com o mesmo maquinismo, o que é pouco provável; e em quarto lugar, enfim, teria sido necessário que as mesas, as portas e as paredes de todas as casas onde tais fenômenos se produzem diariamente fossem igualmente dotadas de maquinismo semelhante, o que também não seria de presumir-se, porque, então, se conheceria o hábil construtor de tantas maravilhas.

Os semicrentes admitem todos os fenômenos, mas estão indecisos quanto à sua causa. Nós os mandamos de volta aos argumentos do nosso futuro bacharel.

Os crentes apresentam três matizes bem característicos: os que nas experiências não vêem mais que uma diversão e um passatempo, e cuja admiração se traduz por estas palavras ou seus análogos: É espantoso! É singular! É bem engraçado! Mas não vão além disto. Em seguida vêm as pessoas sérias, instruídas, observadoras, a quem nenhum detalhe escapa e para as quais as menores coisas constituem objeto de estudo. Finalmente, vêm os ultracrentes, se assim nos podemos exprimir ou, melhor dizendo, os crentes cegos, os que se pode censurar pelo excesso de credulidade, cuja fé, não suficientemente esclarecida, dá-lhes uma tal confiança nos Espíritos a ponto de lhes emprestarem todos os conhecimentos, a *presciência*, sobretudo. Assim, é com a melhor boa-fé do mundo que fazem perguntas sobre todos os assuntos, sem lhes passar pela

mente que teriam obtido as mesmas respostas de uma cartomante a quem pagassem algumas moedas. Para eles, a mesa falante não é matéria de estudo ou de observação: é um *oráculo*. Contra ela há apenas a forma trivial e os seus usos muito vulgares, porém, se a madeira de que é feita, em vez de ser aparelhada para as necessidades domésticas, estivesse de pé, teríeis uma *árvore falante*; fosse nela esculpida uma estátua e teríeis um *ídolo*, ante o qual viriam prostrar-se as pessoas crédulas.

Agora, transponhamos os mares e vinte e cinco séculos atrás, e nos transportemos ao pé do monte Taurus, em Epiro; aí encontraremos a floresta sagrada, cujos carvalhos proferiam oráculos; acrescentai a isso o prestígio do culto e a pompa das cerimônias religiosas e facilmente se explicará a veneração de um povo ignorante e crédulo, incapaz de perceber a realidade através de tantos meios de fascinação.

A madeira não é a única substância que pode servir de *veículo* à manifestação dos Espíritos batedores. Vimo-la produzir-se numa parede e, por conseqüência, na pedra. Temos, pois, desse modo, as *pedras falantes*. Representem essas pedras uma personagem sagrada e teremos a estátua de Memnon ou a de Júpiter Ammon, proferindo oráculos como as árvores de Dodona.

É verdade que a história não nos diz que esses oráculos eram proferidos por pancadas, como vemos em nossos dias. Na floresta de Dodona resultavam do sibilar do vento através das árvores, do sussurro das folhas ou do murmúrio da fonte que jorra ao pé do carvalho consagrado a Júpiter. Diz-se que a estátua de Memnon emitia sons melódiosos aos primeiros raios do sol. Mas também a História nos diz, como teremos ocasião de demonstrar, que os Antigos conheciam perfeitamente os fenômenos atribuídos aos Espíritos batedores. Ninguém duvida de que nisso repouse o princípio de sua crença na existência de seres animados nas árvores, nas pedras, nas águas, etc. Mas, desde que tal gênero de manifestação foi explorado,

as batidas já não eram suficientes; os visitantes eram muito numerosos para que a cada um se pudesse oferecer uma seção particular, o que teria sido, aliás, muito simples; era preciso o prestígio e, contanto que enriquecessem o templo com suas oferendas, tais despesas deviam ser providas. O essencial era que o objeto fosse olhado como sagrado e habitado por uma divindade; desde então, podia-se fazê-lo dizer aquilo que se quisesse, sem se precisar tomar tantas precauções.

Diz-se que os sacerdotes de Memnon usavam de fraude; a estátua era oca e os sons que emitia eram produzidos por algum processo acústico. Isso é possível e mesmo provável. Até os Espíritos batedores, que em geral são menos escrupulosos do que os outros, nem sempre estão, como nos disseram, à disposição do primeiro que chegar: têm sua vontade, suas ocupações, suas susceptibilidades e nenhum gosta de ser explorado pela cupidez. Que descrédito para os sacerdotes se não fizessem falar o seu ídolo de modo convincente! Seria preciso suprir seu silêncio e, se necessário, forçar uma ajuda. Aliás, era muito mais cômodo do que se dar a tanto trabalho, bastando formular a resposta conforme as circunstâncias. O que vemos hoje em dia não é prova menos evidente de que, a despeito disto, tinham por princípio o conhecimento das manifestações espíritas, razão por que dissemos que o Espiritismo moderno é o despertar da Antigüidade, porém da Antigüidade esclarecida pelas luzes da civilização e da realidade.

A Avareza

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA POR SÃO LUÍS À SENHORITA

ERMANCE DUFAUX

6 de janeiro de 1858

1

Tu, que possuis, escuta-me. Certo dia, dois filhos de um mesmo pai receberam, cada um, o seu alqueire de trigo. O mais

velho guardou o seu num lugar oculto; o outro encontrou no caminho um pobre a pedir esmolas; dirigindo-se a ele, despejou no seu manto metade do trigo que lhe coubera; depois, seguiu caminho e foi semear o resto no campo paterno.

Ora, por esse tempo veio uma grande fome, as aves do céu morriam à beira dos caminhos. O irmão mais velho correu ao seu esconderijo, ali não encontrando senão poeira; o caçula, tristemente, ia contemplar o trigo que havia secado no pé, quando depara com o pobre que havia assistido. – Irmão, disse-lhe o mendigo, eu ia morrer e tu me socorreste; agora que a esperança secou em teu coração, segue-me. Teu meio alqueire quintuplicou em minhas mãos; aplacarei tua fome e viverás em abundância.

2

Escuta-me, avaro! Conheces a felicidade? Sim, não é? Teus olhos brilham com um sombrio esplendor, nas órbitas que a avariza cavou mais profundamente; teus lábios se cerram; tuas narinas estremeçam e teus ouvidos se apuram. Sim, ouço: é o tilintar do ouro que tua mão acaricia, ao se derramar no teu esconderijo. Dizes: É a suprema volúpia. Silêncio: vem gente! Fecha depressa! Oh! como estás pálido! todo o teu corpo estremece. Tranqüiliza-te; os passos se afastam. Abre: olha, ainda teu ouro. Abre; não tremas mais; estás sozinho. Ouves? não é nada; é o vento que geme a passar pelas frestas. Olha; quanto ouro! mergulha as mãos: faze soar o metal; tu és feliz.

Feliz, tu! mas a noite não te dá repouso e teu sono é atormentado por fantasmas.

Tens frio! aproxima-te da lareira; aquece-te junto a esse fogo que crepita tão alegremente. Cai a neve; o viajor friorento envolve-se em seu manto e o pobre tiritia sob seus andrajos. A chama da lareira diminui; atira mais lenha. Não; pára! É o teu ouro que consomes com essa madeira; é o teu ouro que queima.

Tens fome! olha, toma; sacia-te; tudo isso é teu, pagaste com o teu ouro. Com o teu ouro! esta abundância te revolta; esse supérfluo é necessário para sustentar a vida? não, esse pedaço de pão será bastante; ainda é muito. Tuas roupas caem em frangalhos; tua casa se fende e ameaça ruir; sofres frio e fome, mas, que importa! tens ouro!

Infeliz! a morte vai separar-te do ouro. Deixá-lo-á à beira do túmulo, como a poeira que o viajor sacode à soleira da porta, onde a família bem-amada o espera para festejar o seu regresso.

Teu sangue congelou-se em tuas veias, enfraquecido e envelhecido por tua voluntária miséria. Ávidos, os herdeiros atiram teu corpo num canto qualquer do cemitério; eis-te face a face com a eternidade. Miserável! Que fizeste do ouro que te foi confiado para aliviar o pobre? Ouves estas blasfêmias? vês estas lágrimas? este sangue? São as blasfêmias do sofrimento que terias podido acalmar; as lágrimas que fizeste correr; o sangue que derramaste. Tens horror de ti; desejarias fugir e não podes. Tu sofres, condenado! e te contorces em teu sofrimento! Sofre! nada de piedade para ti. Não usaste de misericórdia para com o teu irmão infeliz; quem a teria por ti? sofre! sofre! teu suplício não terá fim. Para te punir, quer Deus que assim o CREIAS.

Observação – Escutando o fim dessas eloqüentes e poéticas palavras, estávamos surpreendidos por ouvir São Luís falar da eternidade dos sofrimentos, enquanto todos os Espíritos superiores são concordes em combater tal crença, quando estas últimas palavras: *Para te punir, quer Deus que assim o CREIAS*, vieram tudo explicar. Nós as reproduzimos nos caracteres gerais dos Espíritos da terceira ordem. De fato, quanto mais imperfeitos os Espíritos, mais restritas e circunscritas são suas idéias; para eles o futuro está vago; não o compreendem. Sofrem; seus sofrimentos são longos e, para quem sofre por muito tempo, é sofrer sempre. Por si mesmo, esse pensamento já é um castigo.

No próximo artigo citaremos fatos de manifestações que poderão esclarecer-nos sobre a natureza dos sofrimentos de além-túmulo.

Conversas de Além-Túmulo

SENHORITA CLARY D... – EVOCAÇÃO

Nota: A senhorita Clary D..., interessante mocinha, morta em 1850, aos 13 anos de idade, desde então ficou como o gênio da família, onde é evocada com freqüência e à qual deu um grande número de comunicações do mais alto interesse. A conversa que relataremos a seguir ocorreu entre nós no dia 12 de janeiro de 1857, por intermédio de seu irmão, médium.

1. Tendes uma lembrança precisa de vossa existência corporal?

Resp. – O Espírito vê o presente, o passado e um pouco do futuro, conforme sua perfeição e sua proximidade de Deus.

2. Essa condição de perfeição é relativa apenas ao futuro, ou se refere igualmente ao presente e ao passado?

Resp. – O Espírito vê o futuro mais claramente à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte a alma vê e abarca de relance todas as suas passadas *migrações*, mas não pode ver o que Deus lhe prepara; para isso, é preciso que esteja inteiramente em Deus, *desde muitas existências*.

3. Sabeis em que época reencarnareis?

Resp. – Em 10 ou 100 anos.

4. Será na Terra ou em outro mundo?

Resp. – Num outro.

5. Em relação à Terra, o mundo para onde ireis terá condições melhores, iguais ou inferiores?

Resp. – Muito melhores que as da Terra; lá se é feliz.

6. Visto que estais aqui entre nós, ocupais um lugar determinado; qual é?

Resp. – Estou com aparência etérea; posso dizer que meu Espírito, propriamente dito, estende-se muito mais longe; vejo muitas coisas e me transporto para bem longe daqui com a rapidez do pensamento; minha aparência está à direita de meu irmão e guia-lhe o braço.

7. O corpo etéreo de que estais revestida vos permite experimentar sensações físicas, como o calor e o frio, por exemplo?

Resp. – Quando me lembro muito de meu corpo, sinto uma espécie de impressão, como quando se tira um manto e se fica com a sensação de ainda estar com ele por algum tempo.

8. Acabais de dizer que podeis transportar-vos com a rapidez do pensamento; o pensamento não é a própria alma que se desprende de seu envoltório?

Resp. – Sim.

9. Quando vosso pensamento se transporta para algum lugar, como se dá a separação de vossa alma?

Resp. – A aparência se desvanece; o pensamento segue sozinho.

10. É, pois, uma faculdade que se destaca; onde fica o ser restante?

Resp. – A forma não é o ser.

11. Mas, como age esse pensamento? Não agirá sempre por intermédio da matéria?

Resp. – Não.

12. Quando vossa faculdade de pensar se destaca, não agis, então, por intermédio da matéria?

Resp. – A sombra se dissipa; reproduz-se onde o pensamento a guia.

13. Visto que só tínheis 13 anos quando morrestes, como se explica que podeis nos dar, sobre perguntas tão abstratas, respostas que estão fora do alcance de uma criança de vossa idade?

Resp. – Minha alma é tão antiga!

14. Podeis citar-nos, entre vossas existências anteriores, uma das que mais elevaram os vossos conhecimentos?

Resp. – Estive no corpo de um homem, que tornei virtuoso; após sua morte estive no corpo de uma menina cujo semblante retratava a própria alma; Deus me recompensa.

15. A nós poderia ser concedido vos ver aqui, tal qual estais atualmente?

Resp. – A vós poderia.

16. Como o poderíamos? Depende de nós, de vós ou de pessoas mais íntimas?

Resp. – De vós.

17. Que condições deveríamos satisfazer para isso?

Resp. – Recolher-vos algum tempo, com fé e fervor; serdes menos numerosos, isolar-vos um pouco e providenciardes um médium do gênero de Home.

Sr. Home

Os fenômenos realizados pelo Sr. Home produziram tanta sensação como vieram confirmar os maravilhosos relatos chegados de além-mar, a cuja veracidade se ligava uma certa desconfiança. Mostrou-nos ele que, deixando de lado a mais larga margem possível devido ao exagero, ainda ficava bastante para

atestar a realidade de fatos que se cumpriam fora de todas as leis conhecidas.

Tem-se falado do Sr. Home, e de várias maneiras; confessamos que seria exigir demais que todo o mundo lhe fosse simpático, uns por espírito de sistema, outros por ignorância. Queremos até admitir, nestes últimos, uma opinião conscienciosa, visto que por si mesmos não puderam constatar os fatos; mas se, em tal caso, é permitida a dúvida, uma hostilidade sistemática e apaixonada é sempre inconveniente. Em toda relação de causa, julgar o que não se conhece é falta de lógica, e difamar sem provas é esquecer as conveniências. Por um instante, façamos abstração da intervenção dos Espíritos e não vejamos, nos fatos relatados, senão simples fenômenos físicos; quanto mais estranhos forem, mais atenção merecem. Explicai-os como quiserdes, mas não os contesteis *a priori*, se não quiserdes que ponham em dúvida o vosso julgamento. O que deve espantar, o que nos parece ainda mais anormal que os próprios fenômenos em questão, é ver esses mesmos que deblateram, sem cessar, contra a oposição de certos núcleos acadêmicos, em relação às idéias novas que continuamente lhes são lançadas na face – e isso em termos pouco comedidos – os dissabores experimentados pelos autores das mais importantes descobertas, como Fulton, Jenner e Galileu, que citam a todo momento, eles mesmos caírem em erro semelhante, logo eles que dizem, e com razão, que até poucos anos atrás teria passado por insensato quem houvesse falado em corresponder-se de um extremo a outro da Terra em alguns segundos. Se acreditam no progresso, do qual se dizem apóstolos, que sejam, pois, coerentes consigo mesmos e não atraiam para si a censura que dirigem aos outros, negando o que não compreendem.

Voltemos ao Sr. Home. Chegado a Paris no mês de outubro de 1855, achou-se, desde o início, lançado no mundo mais elevado, circunstância que deveria ter imposto mais circunspeção no julgamento que lhe fazem, porque, quanto mais elevado e

esclarecido é esse mundo, menor é a suspeita de se deixar benevolmente enganar por um aventureiro. Essa mesma posição suscitou comentários. Pergunta-se quem é o Sr. Home. Para viver neste mundo, para fazer viagens dispendiosas, diz-se, é necessário ter fortuna. Se não a tem, deve ser sustentado por pessoa poderosa. Sobre esse tema levantou-se um sem-número de suposições, cada qual mais ridícula. O que não se disse de sua irmã, que ele foi buscar há cerca de um ano! Comentava-se que era um médium mais poderoso que ele; que ambos deviam realizar prodígios de fazer empalidecer os de Moisés. Várias vezes nos dirigiram perguntas a esse respeito; eis a nossa resposta.

Vindo à França, o Sr. Home não se dirigiu ao público; ele não gosta e nem procura a publicidade. Se tivesse vindo com propósitos especulativos, teria corrido o país, lançando mão da propaganda em seu auxílio; teria procurado todas as ocasiões de se promover, enquanto as evita; teria estabelecido um preço às suas manifestações, contudo, nada pede a ninguém. Malgrado a sua reputação, o Sr. Home não é, pois, de forma alguma, o que se pode chamar de um homem do mundo; sua vida privada pertence-lhe exclusivamente. Desde que nada pede, ninguém tem o direito de indagar como vive, sem cometer uma indiscrição. É mantido por pessoas poderosas? Isso não nos diz respeito; tudo quanto podemos dizer é que, nesta sociedade de escol ele conquistou amizades reais e fez amigos devotados, ao passo que, com um prestidigitador, a gente paga, diverte-se e ponto final. Não vemos, pois, no Sr. Home, mais que uma coisa: um homem dotado de uma faculdade notável. O estudo dessa faculdade é tudo quanto nos interessa e tudo quanto deve interessar a quem quer que não seja movido apenas pela curiosidade. Sobre ele a História ainda não abriu o livro de seus segredos; até lá ele pertence à Ciência. Quanto à sua irmã, eis a verdade: É uma menina de onze anos, que ele trouxe a Paris para sua educação, de que está encarregada ilustre pessoa. Sabe apenas em que consiste a faculdade do irmão. É bem simples, como se vê, bem prosaico para os amantes do maravilhoso.

Agora, por que o Sr. Home teria vindo à França? Certamente não foi para procurar fortuna, como acabamos de provar. Para conhecer o país? Mas ele não o percorre; pouco sai e não tem absolutamente hábitos de turista. O motivo patente é o conselho dos médicos, que acreditam ser o ar da Europa necessário à sua saúde, mas os fatos mais naturais são por vezes providenciais. Pensamos, pois, que, se veio aqui é porque deveria vir. A França, ainda em dúvida no que diz respeito às manifestações espíritas, necessitava que lhe fosse aplicado um grande golpe; foi o Sr. Home que recebeu essa missão e, quanto mais alto foi o golpe, maior a sua repercussão. A posição, o crédito, as luzes dos que o acolheram e que foram convencidos pela evidência dos fatos, abalaram as convicções de uma multidão de pessoas, mesmo entre aquelas que não puderam ser testemunhas oculares. A presença do Sr. Home terá sido, portanto, um poderoso auxiliar para a propagação das idéias espíritas; se não convenceu a todos, lançou sementes que frutificarão tanto mais quanto mais se multiplicarem os próprios médiuns. Como dissemos alhures, essa faculdade não constitui um privilégio exclusivo; existe em estado latente e em diversos graus entre muita gente, não aguardando senão uma ocasião para desenvolver-se; o princípio está em nós, por efeito mesmo da nossa organização; está na Natureza; dele todos temos o germe, não estando longe o dia em que veremos os médiuns surgirem em todos os pontos, em nosso meio, em nossas famílias, entre os pobres como entre os ricos, a fim de que a verdade seja de todos conhecida, pois, segundo nos anunciaram, trata-se de uma nova era, de uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas imprimirão novo curso às idéias morais, como o fez o vapor em relação à indústria.

Se a vida privada do Sr. Home deve estar fechada às investigações de uma indiscreta curiosidade, há certos detalhes que podem, com toda razão, interessar ao público, e que são de utilidade para a apreciação dos fatos.

O Sr. Daniel Dunglas Home nasceu perto de Edimburgo no dia 15 de março de 1833. Tem, pois, hoje 24 anos. Descende de antiga e nobre família dos Dunglas da Escócia, outrora soberana. É um rapaz de estatura mediana, louro, cuja fisionomia melancólica nada tem de excêntrica; é de compleição muito delicada, de maneiras simples e suaves, de caráter afável e benevolente, sobre o qual o contato com os poderosos não lançou arrogância nem ostentação. Dotado de excessiva modéstia, jamais faz alarde de sua maravilhosa faculdade, nunca fala de si mesmo e se, numa expansão de intimidade, conta coisas pessoais, é com simplicidade que o faz e jamais com a ênfase própria das pessoas com as quais a malevolência procura compará-lo. Diversos fatos íntimos, de nosso conhecimento pessoal, provam seus sentimentos nobres e uma grande elevação de alma; nós o constatamos com tanto maior prazer quanto se conhece a influência das disposições morais sobre a natureza das manifestações.

Os fenômenos dos quais o Sr. Home é instrumento involuntário por vezes têm sido contados por amigos muito zelosos com um entusiasmo exagerado, do qual se apoderou a malevolência. Tais como são, não necessitam de amplificação, mais nociva do que útil à causa. Sendo nosso fim o estudo sério de tudo quanto se liga à ciência espírita, fechar-nos-emos na estrita realidade dos fatos por nós mesmos constatados ou por testemunhas oculares mais dignas de fé. Podemos, assim, comentá-los com a certeza de não estar raciocinando sobre coisas fantásticas.

O Sr. Home é um médium do gênero dos que produzem manifestações ostensivas, sem, por isso, excluir as comunicações inteligentes; contudo, as suas predisposições naturais lhe dão para as primeiras uma aptidão mais especial. Sob sua influência, ouvem-se os mais estranhos ruídos, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, levantam-se, transportam-se de um lugar a outro no espaço, instrumentos de música produzem sons melodiosos, seres do mundo extracorpóreo aparecem, falam, escrevem e, freqüentemente, vos

abraçam até causar dor. Na presença de testemunhas oculares, muitas vezes ele mesmo se viu elevado no ar, sem qualquer apoio e a vários metros de altura.

Do que nos foi ensinado sobre a classe de Espíritos que em geral produzem esses tipos de manifestações, não se deve concluir que o Sr. Home esteja em contato somente com a classe ínfima do mundo espírita. Seu caráter, bem como as qualidades morais que o distinguem, devem, ao contrário, granjear-lhe a simpatia dos Espíritos superiores; para estes últimos, ele não passa de um instrumento destinado a abrir os olhos dos cegos de maneira enérgica, sem que, para isso, seja privado das comunicações de ordem mais elevada. É uma missão que aceitou, missão que não está isenta de tribulações nem de perigos, mas que cumpre com resignação e perseverança, sob a égide do Espírito de sua mãe, seu verdadeiro anjo-da-guarda.

A causa das manifestações do Sr. Home lhe é inata; sua alma, que parece prender-se ao corpo somente por fracos liames, tem mais afinidade com o mundo dos Espíritos que com o mundo corpóreo; eis por que se desprende sem esforços, entrando mais facilmente que os outros em comunicação com os seres invisíveis. Essa faculdade se lhe revelou desde a mais tenra infância. Com a idade de seis meses, seu berço se balançava sozinho, na ausência da ama de leite, e mudava de lugar. Em seus primeiros anos ele era tão débil que mal podia se sustentar; sentado sobre um tapete, os brinquedos que não podia alcançar deslocavam-se por si mesmos e vinham pôr-se ao alcance de suas mãos. Aos três anos teve suas primeiras visões, não lhes conservando, porém, a lembrança. Tinha nove anos quando sua família fixou-se nos Estados Unidos; ali, os mesmos fenômenos continuaram com intensidade crescente, à medida que avançava em idade, embora sua reputação como médium não se tenha estabelecido senão em 1850, época em que as manifestações espíritas começaram a popularizar-se naquele país. Em 1854 veio à Itália, como dissemos, por motivos de saúde;

surpreendeu Florença e Roma com verdadeiros prodígios. Convertido à fé católica nesta última cidade, viu-se obrigado a romper relações com o mundo dos Espíritos. Com efeito, durante um ano, seu poder oculto pareceu havê-lo abandonado; mas, como esse poder está acima de sua vontade, findo esse tempo, conforme lhe anunciara o Espírito de sua mãe, as manifestações reapareceram com nova energia. Sua missão estava traçada; deveria distinguir-se entre aqueles que a Providência escolheu para revelar-nos, por meio de sinais patentes, o poder que domina todas as grandezas humanas.

Se o Sr. Home, como o pretendem certas pessoas que julgam sem haver visto, fosse apenas um hábil prestidigitador, sem dúvida teria sempre à sua disposição, em sua sacola, algumas peças com que pudesse simular suas mágicas, ao passo que não é senhor de produzi-las à vontade. Ser-lhe-ia impossível dar sessões regulares, pois muitas vezes, justamente no momento em que tivesse necessidade de sua faculdade, esta lhe faltaria. Algumas vezes os fenômenos se manifestam espontaneamente, no momento em que menos se espera, enquanto que, em outras, é incapaz de os provocar, circunstância pouco favorável a quem quisesse fazer exibições em horas certas. O fato seguinte, tomado entre mil, é disso uma prova. Desde mais de quinze dias o Sr. Home não havia obtido nenhuma manifestação, quando, almoçando em casa de um de seus amigos, com mais duas ou três pessoas de seu conhecimento, de repente ouviram-se golpes nas paredes, nos móveis e no teto. Parece que voltam, disse ele. Nesse momento o Sr. Home estava sentado num canapé com um amigo. Um doméstico trouxe a bandeja de chá e preparava-se para colocá-la sobre a mesa, situada no meio do salão; embora bastante pesada, a mesa se elevou subitamente, destacando-se do solo a uma altura de 20 a 30 centímetros, como se fora atraída pela bandeja. Apavorado, o criado deixou-a escapar e a mesa, de um pulo, lançou-se em direção ao canapé, vindo cair diante do Sr. Home e de seu amigo, sem que nada do que estava em cima se tivesse desarrumado. Esse fato não é, absolutamente, o mais curioso dentre aqueles que temos para relatar, mas apresenta essa

particularidade digna de nota: a de ter-se produzido espontaneamente, sem provocação, em um círculo íntimo, do qual nenhum dos assistentes, cem vezes testemunhas de fatos semelhantes, necessitava de novas provas; e, seguramente, não era o caso para o Sr. Home exibir suas habilidades, se habilidades existem.

No próximo artigo citaremos outras manifestações.

Manifestações dos Espíritos

Pelo Sr. Paul Auguez

RESPOSTA AO SR. VIENNET, POR PAUL AUGUEZ ¹⁴.

O Sr. Paul Auguez é um adepto sincero e *esclarecido* da Doutrina Espírita; sua obra, que lemos com grande interesse, e na qual se reconhece a pena elegante do autor de *Élus de l'avenir* ¹⁵, é uma demonstração lógica e sábia dos pontos fundamentais dessa Doutrina, isto é, da existência dos Espíritos, de suas relações com os homens e, por conseqüência, da imortalidade da alma e de sua individualidade após a morte. Sendo o seu objetivo principal responder às agressões sarcásticas do Sr. Viennet, só aborda os pontos capitais, limitando-se a provar com os fatos, com o raciocínio e com as autoridades mais respeitáveis que essa crença não está fundada sobre idéias sistemáticas ou preconceitos vulgares, mas, sim, que repousa sobre bases sólidas. A arma do Sr. Viennet é o ridículo; a do Sr. Auguez é a Ciência. Por meio de numerosas citações, que atestam um estudo sério e uma profunda erudição, ele prova que se os adeptos de hoje, conquanto seu número cresça sem cessar, bem como as pessoas esclarecidas de todos os países que a eles se ligam, fossem, como o pretende ilustre acadêmico, cérebros desequilibrados, essa enfermidade lhes seria comum, como o seria aos maiores gênios que honram a Humanidade.

14 Brochura in-12; preço 2,50 fr.: Dentu, Palais-Royal e Germer Baillière, rue de l'École de Médecine, 4.

15 N. do T.: Eleitos do futuro.

Nas suas refutações, o Sr. Auguez soube sempre conservar a dignidade de linguagem, mérito que nunca será suficientemente louvado; aí não se encontram essas diatribes despropositadas, tornadas lugares-comuns de mau gosto e que nada provam, a não ser a falta de urbanidade. Tudo o que disse é grave, sério, profundo, à altura do sábio a quem se dirige. Tê-lo-á convencido? Nós o ignoramos; duvidamos mesmo, para falar francamente; mas como, em definitivo, seu livro é feito para todo o mundo, as sementes que lança não serão todas perdidas. Por mais de uma vez teremos ocasião de citar algumas passagens de seu livro no curso desta publicação, à medida que a isso formos levados pela natureza do assunto.

Sendo a teoria desenvolvida pelo Sr. Auguez, exceto, talvez, em alguns pontos secundários, a que nós mesmos professamos, não faremos a respeito nenhuma crítica de sua obra, que se notabilizará e será lida com proveito. Não desejaríamos senão uma coisa: um pouco mais de clareza nas demonstrações e de método na ordenação das matérias. O Sr. Auguez tratou a questão como sábio, porque se dirigia a um sábio, certamente capaz de compreender as coisas mais abstratas; entretanto, deveria ter pensado que escrevia menos para um homem do que para o público, que sempre lê com mais prazer e proveito o que compreende sem esforço.

Aos Leitores da Revista Espírita

Vários de nossos leitores quiseram responder ao apelo que fizemos em nosso primeiro número, com respeito às informações a nos serem fornecidas. Um grande número de fatos nos foi assinalado, entre os quais alguns muito importantes, pelo que somos infinitamente reconhecidos; não o somos menos pelas reflexões que às vezes os acompanham, mesmo quando revelam um conhecimento incompleto da matéria: proporcionarão esclarecimentos sobre os pontos que não tiverem sido bem compreendidos. Se não fazemos

uma menção imediata dos documentos que nos são fornecidos, nem por isso nos passam despercebidos; deles sempre tomamos boa nota, para serem aproveitados cedo ou tarde.

A falta de espaço não é a única causa que pode retardar a publicação, mas ainda a oportunidade das circunstâncias e a necessidade de os relacionar aos artigos dos quais podem ser complementos úteis.

A multiplicidade de nossas ocupações, junto à extensa correspondência, deixa-nos por vezes na impossibilidade material de responder, como gostaríamos e como deveríamos, às pessoas que nos dão a honra de nos escrever. Rogamos encarecidamente não interpretarem de maneira desfavorável um silêncio que independe de nossa vontade. Esperamos que sua boa vontade não se arrefeça e que não queiram interromper suas interessantes comunicações; a esse respeito, chamamos novamente sua atenção para a nota que inserimos no fim da introdução de nosso primeiro número, a propósito das informações que por obséquio solicitamos, rogando, além disso, não deixarem de nos dizer quando poderemos, sem cometer inconveniência, fazer menção dos lugares e das pessoas.

As observações acima se aplicam, igualmente, às questões que nos são dirigidas sobre diversos pontos da Doutrina. Quando necessitarem de um desenvolvimento de maior extensão, tanto menos possível nos é responder por escrito, quando muitas vezes a mesma coisa deve ser repetida a um grande número de pessoas. Destinando-se nossa revista a servir de meio de correspondência, nela tais respostas naturalmente encontrarão lugar à medida que os assuntos tratados nos oferecerem oportunidade, e isso com tanto mais vantagem quanto mais completas e proveitosas forem as explicações.

Allan Kardec